

---

# O Planejamento – de volta do futuro?

## Sessão Temática 02: Espaço urbano e regional: análise, planejamento e projeto

RANDOLPH, Rainer, Dr. rer.pol.; IPPUR/UFRJ  
rainer.randolph@gmail.com

### Resumo

A provocação do presente ensaio é sua hipótese que não é o planejamento que determina o futuro, mas o futuro, sua abordagem, que determina o planejamento. Para fundamentar esta visão serão trazidas quatro diferentes conceituações a respeito de tempo, futuro e utopia dos autores Ernst Bloch, Boaventura de Souza Santos e Henri Lefebvre e da discussão sobre “future studies”. Sem síntese no final, confronta estas abordagens com modalidades de planejamento.

**Palavras-chave** Futuro, planejamento, tempo

### Abstract

The provocation of the present essay is its hypothesis that it is not planning that determines the future, but the future, its approach, that determines planning. In order to support this vision, four different concepts about time, future and utopia will be brought by the authors Ernst Bloch, Boaventura de Souza Santos and Henri Lefebvre and the discussion on “future studies”. Without final synthesis, the work confronts these approaches with planning modalities.

**Keywords** Future, planning, time

### Introdução - o futuro no planejamento

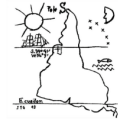
Uma intenção aparentemente óbvia, o presente ensaio procura identificar em que medida o futuro precisa ser considerado um dos mais importantes elementos definitórios do planejamento em todas suas expressões. E, que essa articulação com o futuro é essencial para a caracterização de qualquer modalidade de planejamento.

Mesmo assim, o presente estudo não pretende investigar essa articulação em si, o que pode parecer paradoxo. Parte-se do pressuposto que será necessário, antes de mais nada, identificar a “verdadeira” importância do futuro que ultrapassa em muito esta sua articulação com o planejamento. Por causa disto, em boa parte do presente trabalho a discussão sobre planejamento está relegada a um segundo plano; ou seja, o planejamento será tratado como contexto que, de vez em quando, vai ser introduzido na argumentação.

Este pressuposto se sustenta por resultados de investigações anteriores<sup>1</sup> que mostram a necessidade, para encontrar “um outro planejamento”, em não partir de características do planejamento, mas privilegiar um aprofundamento da compreensão do “futuro” e de diferentes

---

<sup>1</sup> em Randolph (2022) se encontra um maior aprofundamento dessa discussão. Para o presente trabalho tem relevância apenas como contexto da investigação do futuro;



perspectivas do futuro. Essa busca expressa-se no título do nosso ensaio da seguinte forma: iniciando aqui com uma discussão do termo/conceito “futuro” voltaremos depois ao “planejamento – eu seja: o caminho é “de volta do futuro ao planejamento” como diz o título. O que não deve ser confundido com um “*back to the future*”, título de uma trilogia de filmes de ficção científica de 1985, 1989 e 1990.

Em relação à percepção mais difundida do planejamento, ele cria ou ao menos é responsável por determinados futuros (“planejados”). Com a “inversão” aqui proposta, se poderia dizer o contrário: é o “futuro” – sua compreensão - que orienta e caracteriza as ações planejadoras, seu modo de ser. O que se observa em muitas ações voltadas ao futuro cujas abordagens em relação ao tempo (passado, presente e futuro) carecem de uma reflexão mais aprofundada<sup>2</sup>.

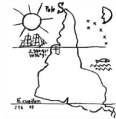
Pela sua própria lógica, riscos e incertezas inerentes a este processo, especialmente em relação a antecipações do futuro, não permitem total garantia de que o resultado (futuro) corresponde a sua projeção (promessa) elaborada no presente. No entanto, discrepâncias sistemáticas entre o resultado da sua realização (agora no presente do futuro) e a expectativa (criada no agora passado) geram questionamento em relação a confiabilidade e legitimidade do próprio processo. A trajetória de formas de planejamento (público) é testemunha dessas dificuldades de comprovar tanto a eficácia e legitimidade das propostas ao público em geral, como prover legitimidade ao próprio exercício profissional dos profissionais e suas instituições. Foram por meio das “frustrações” dessa confiabilidade em relação ao “futuro” (entendido aqui como resultado do processo) que se pode descrever e compreender as seguidas modalidades da sua trajetória<sup>3</sup>.

Em síntese, quando se toma a trajetória das diferentes formas de planejamento como contexto da atual discussão, não são apenas problemas com tempo e temporalidade de sua execução responsáveis para as dificuldades (ou mesmo fracassos) em cumprir expectativas criadas para o futuro. Mas, mais profundamente, são particularmente as condições de incerteza e risco implícitas na “questão do futuro”. Em contextos de condições atuais, a experiência desse descompasse entre promessa e resultado parece insuperável quando a perspectiva intrínseca do “futuro” está definida por uma concepção instrumental e limitada de seus objetivos, metas e meios adotados (geralmente utilizados como critérios de diferenciação entre modalidades de ações voltadas para o futuro).

Finalmente, não se pretende aqui contribuir para a uma incorporação de uma nova compreensão e concepção do “futuro” ao planejamento ou ações semelhantes que poderiam permitir superar limitações de modalidades acima mencionadas. Pois, nossa hipótese é que, para encontrar (criar) um “outro planejamento”, são insuficientes meras “incorporações” ou

<sup>2</sup> fica evidente especialmente nos habituais manuais e instrumentos de projeção para profissionais (planejadores)

<sup>3</sup> vide a bibliografia, em relação ao planejamento público, sobre diferentes modalidades que se seguiram após a identificação de certas falhas no cumprimento de suas promessas.



“apropriações” de um ou outro conceito. Mas, precisa de uma reflexão sobre o “futuro” num contexto (planejamento) onde este contexto é questionado em si.

Vale ainda uma observação sobre a pretensão e limitação em discutir o futuro aqui. Não é possível esgotar essas discussões a respeito do futuro, presentes em diferentes campos de conhecimento (disciplinares parciais) ou mesmo em perspectivas interdisciplinares. Nem procurar alguma síntese de abordagens numa temática que, como disse Lefebvre (2001, p 123) em relação à utopia urbana, “*pertence ao político*”.

A capacidade de síntese pertence a forças políticas que são na realidade forças sociais (classes, frações de classes, agrupamentos ou alianças de classes). Elas existem ou não existem, manifestam-se e se exprimem ou não. Cabe a eles indicar suas necessidades sociais, inflectir as instituições existentes, abrir os horizontes e reivindicar um futuro que será sua obra. (LEFEBVRE 2001, p 123)

Neste sentido qualquer trabalho vai ficar, de alguma forma, inacabado e parcial – ou seja podemos fornecer elementos sobre formas de lógica da incorporação de tempo, temporalidade e futuro que possam contribuir para questionar “fundamentos” ou fazer “tremar bases” do planejamento. Mas, como sua própria história da trajetória de uma modalidade para outra depende mostrar, “superá-lo” depende da existência e atuação de forças políticas.

Portanto, até num espaço muito limitado não apenas não se pretender realizar uma síntese, mas nem uma apresentação mais detalhada vai ser possível e só pode ser prometido para o “futuro”. Serão a seguir apenas apontadas algumas observações em relação a quatro diferentes campos de conhecimento<sup>4</sup> nos quais se poderia aprofundar conceitos caracterizações particulares do termo e/ou da noção do futuro:

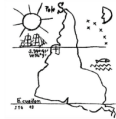
1. *Diversidade de futuros e a alfabetização em futuros (futures literacy)*
2. *O futuro do “Ainda-Não” em Bloch*
3. *A sociologia das ausências em Souza Santos*
4. *O futuro na realidade no presente em Lefebvre*

No final do texto haverá uma primeira tentativa de alguma confrontação entre essas diferentes perspectivas de futuro com referência a uma ou outra modalidade do planejamento.

### **1. A diversidade de futuros: *Future Studies* e *Future Literacy***

A importância de estudos sobre o futuro foi reconhecida já há algum tempo por muitos autores e deu origem a instituições e eventos especializadas e revistas dedicadas ao assunto. O seu livro com o título “O que é futuro?” (What is the future?) John Urry (2016) constata na introdução que “The Future Has Arrived”. Mas, apesar de ter chegado, o que o futuro é permanece um mistério, talvez o maior dos mistérios. Futuros fazem parte da maioria das

<sup>4</sup> a discussão dos itens da “inversão de presente e futuro na ficção científica” e os diferentes “futuros na linguística” não pude ser contemplada aqui; vide para isto Randolph (2022)



agendas contemporâneas e muitos sustentam que o futuro é uma melhor orientação para no presente do que o que aconteceu no passado. Pois,

Visões futuras têm consequências poderosas e as ciências sociais precisam ser central em desmaranhar, debater e entregar aqueles futuros. Portanto, devemos desenvolver o que será denominado 'futuros sociais' – esta noção tem alguma semelhança com a ideia de um 'futuro integral' (URRY 2016, p. 8, tradução nossa)

Como diz o autor, seu livro mostra como a análise de instituições, práticas e vidas sociais devem ser fundamentais para as teorias e métodos de potenciais futuros. Alerta que o tempo do futuro é agora e nem as ciências sociais nem o mundo social deveriam perde-lo.

Justifica isto porque, primeiro, as ciências sociais são significativas em ajudar a desconstruir uma noção única do tempo. Sociedades e instituições sociais são construídas em torno de regimes temporais diferentes o que dá origem a variadas formas de tempo. Destaca, seguindo Adam (2010, p. 369), a importância do deslocamento histórico de um tempo vivido e experimentado para um tempo padronizado e descontextualizado.

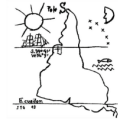
Da mesma forma, a ciência social elabora como múltiplos futuros estão relacionados a estes diferentes regimes de tempo. De acordo com Adam e Groves (2007) futuros são contados, domesticados, negociados, transformados, atravessados, pensados, tendidos e transcendidos. Especialmente significativo é o comércio de futuros que envolve uma grande quebra na trajetória tomadas por sociedades (URRY 2016, p. 8)

Ainda, Adam e Groves apontam que uma visão do futuro vazio e abstraído de contextos resultam na possibilidade de “ser apropriado, estar aberto para mercantilização, colonização e controle. ... Quando o futuro é descontextualizado e despersonalizado o podemos usar e dele abusar sem sentir culpa ou remorso” (ADAM, GROVES, 2007, p. 13).

Uma outra vertente propaga a “alfabetização em futuros” (futures literacy) cujo objetivo é compreender melhor o presente ao não testar suposições presentes contra algum futuro preditivo, mas usar o futuro para questionar, desmaranhar, inventar o que é acontecendo e o que pode ser feito no presente. Em relação à essa abordagem, Mangnus et ali (2021) argumentam que seu elemento chave é a reflexividade em relação às diferentes atitudes ao futuro, um componente que se mostrou importante para a presente discussão sobre o planejamento.

## **2. Bloch e o futuro do Ainda-Não**

Foi Bloch (1995) que se insurgiu contra a dominação de conceitos de Tudo (Alles) e Nada (Nichts) na filosofia ocidental “nos quais Tudo parece estar contido como latência, mas donde Nada novo pode surgir. Daí que a filosofia ocidental seja um pensamento estático. Para Bloch o possível é o mais incerto, o mais ignorado conceito da filosofia ocidental” (SOUZA SANTOS 2002, p. 254). Para superar esta perspectiva introduz dois novos conceitos que permitem revelar a totalidade inesgotável do mundo: o Não (Nicht) e o Ainda-Não (Noch-Nicht).



O Não é a falta de algo e a expressão da vontade de superar essa falta. É por isso que o Não se distingue do Nada (1995: 306). Dizer não é dizer sim a algo diferente. O Ainda-Não é a categoria mais complexa, porque exprime o que existe apenas como tendência, um movimento latente no processo de se manifestar. *O Ainda-Não é o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata.* (SOUZA SANTOS 2002, p. 255, destaque nosso).

Este Ainda-Não da utopia pode ter duas diferentes expressões (no extremo): pode ser abstrata ou concreta. Seguindo a apropriação de Limonad do pensamento de Ernst Bloch a respeito dessa diferença entre essas duas formas, temos:

... Por ter clareza de que o grau de objetividade ou de realidade de cada utopia é variável, assim como sua capacidade transformadora, procede, em um segundo momento, a uma diferenciação mais estrita com base em diversos parâmetros abordados adiante, ..., distinguindo o que caracteriza como *utopia abstrata* da *utopia concreta* (LIMONAD 2016, p. 9, destaque d.a.),

A utopia concreta, como diz Bloch (2004), se diferencia do utopismo, “ ... En su concisión y nuevo rigor esta expresión significa tanto como órgano metódico para lo nuevo, condensación objetiva de lo que está por venir <sup>5</sup> e se caracteriza por quatro aspectos entrelaçados: pluralidade, concepção do futuro, realidade da utopia e simultaneidade do pequeno e do grande. Com distintas manifestações nos diversos campos da vida social, Bloch compreende a utopia concreta como algo intrínseca à vida humana.

Expectativa, esperança, intenção em relação a possibilidades ainda não realizadas (ungeworden): isto é apenas um traço básico da consciência humana, mas, concretamente corrigido e compreendido, uma determinação básica da realidade objetiva como um todo (BLOCH 1964, p.5, apud LIMONAD 2016, p. 10).

Sem querer acompanhar em detalhe esta discussão<sup>6</sup>, para a presente argumentação é suficiente observar a perspectiva de Bloch sobre a “realidade da utopia” e o presente e as possibilidades objetivamente reais (*das objektiv-real Mögliche*).

Essas ideias de Ernst Bloch a respeito de “utopias concretas” permitiria uma crítica a abordagens tanto positivistas como “utopistas” de ações voltadas para o futuro. Nelas “futuros” tendem a ter o caráter de utopias abstratas, quando “não germinam no presente sobre os restos do passado”. Por outro lado, “planejar” no cotidiano pode ser limitado quando não reconhece e incorpora as potencialidades presentes em realidades aparentes.

### **3. Boaventura de Souza Santos e a sociologia das emergências: contra a instrumentalização de tempo e futuro**

Ao colocar no contexto de planejamento e de ações instrumentais voltadas para o futuro, a investigação e reflexão de Boaventura de Souza Santos (2002) sobre tempo, temporalidade

<sup>5</sup> Bloch, Ernst. El principio de esperanza (I y II), Madrid, Trotta, 2004, p. 196, apud Limonad 2016, p. 9

<sup>6</sup> Limonad 2016, p. 10/11



e futuro pode fornecer valiosos elementos. O próprio ator baseia sua elaboração de duas sociologias – uma voltada para o presente e outra para o futuro – nas reflexões de Bloch. Diz ainda que a mesma perplexidade encontrada em Ernst Bloch (1995, p.313) quando este se interrogava “se vivemos apenas no presente, por que razão é ele tão fugaz” está subjacente ao seu texto.

Souza Santos vai atribuir a responsabilidade pela situação questionada por Bloch à *razão indolente* e suas diferentes formas que se expressa no conhecimento hegemônico produzido nos últimos 200 anos.

Para a presente argumentação a crítica à razão proléptica<sup>7</sup>, uma das faces da razão indolente, se torna relevante e importante na medida em que é essa que “concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear” e, assim, causa a enorme dilatação do futuro (SOUZA SANTOS 2002, p. 254)

Esta monocultura do tempo linear, ao mesmo tempo que contraiu o presente, como vimos atrás ao analisar a razão metonímica, dilatou enormemente o futuro. Porque a história tem o sentido e a direção que lhe são conferidos pelo progresso, e o progresso não tem limites, o futuro é infinito. .... O futuro é, assim, infinitamente abundante e infinitamente igual, um futuro que, como salienta Marramao (1995: 126), só existe para se tornar passado.

A crítica elaborada à razão proléptica por Souza Santos tem por objetivo contrair o futuro que consiste em “eliminar ou, pelo menos, atenuar a discrepância entre a concepção do futuro da sociedade e a concepção do futuro dos indivíduos” (SOUZA SANTOS 2002, p. 254) que são as duas perspectivas que distingue. A limitação do futuro dos indivíduos, ao contrario daquele da sociedade, se impõe pela duração da sua vida<sup>8</sup>. Na sua perspectiva, este caráter limitado do futuro dos indivíduos depende da sua gestão e cuidados e faz com que o futuro “em vez de estar condenado a ser passado, ele se transforme num fator de ampliação do presente. Ou seja, a contração do futuro contribui para a dilatação do presente”.

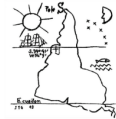
Atribui a possibilidade de obter a contração do futuro a uma *sociologia das emergências* que está presidido pelo conceito do Ainda-Não (Noch-Nicht), proposta por Bloch já debatida no item anterior. Para sua abordagem da sociologia das emergências, Souza Santos se refere a um “convite” de Bloch (1995, p. 246) “a centrarmos-nos na categoria modal mais negligenciada pela ciência moderna, a possibilidade. Ser humano é ter muito diante de si”.

A possibilidade é o movimento do mundo. Os momentos dessa possibilidade são a carência (manifestação de algo que falta), a tendência (processo e sentido), e a latência (o que está na frente desse processo) (SOUZA SANTOS 2002, p. 254)

---

<sup>7</sup> as outras são chamadas por Souza Santos de razões impotente, arrogante e metonímica que está obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem

<sup>8</sup> e acrescenta: “ou das vidas em que pode reincarnar, nas culturas que aceitam a metempsicose”.



Para a sociologia das emergências isto significa que ela se dedica à investigação de alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas. Com isto amplia o presente ao juntar ao real as possibilidades e expectativas futuras comportado por ele e, assim, contrai o futuro à medida que o futuro deixa de ser vazio e infinito – uma “utopia abstrata” como diria Bloch – e se torna, como diz Souza Santos (2001, p. 256) “concreto, sempre incerto e sempre em perigo”.

Em relação ao nosso contexto deste ensaio é importante chamar atenção por uma reflexão de Souza Santos a respeito de uma discrepância entre a experiência e expectativas a partir de uma perspectiva diferente da acima discutida diferença entre pretensão (expectativa) e realização (realização) de ações voltadas para o futuro.

Diz o autor (SOUZA SANTOS 2002, p. 257):

A discrepância entre experiências e expectativas é constitutiva da modernidade ocidental. Através do conceito de progresso, a razão proléptica polarizou esta discrepância de tal modo que fez desaparecer toda a relação efetiva entre as experiências e as expectativas: por mais miseráveis que possam ser as experiências presentes, isso não impede a ilusão de expectativas radiosas.

Em relação a questões de expectativas, suas legitimações pela sociologia das emergências são contextuais porque medidas por possibilidades e capacidades concretas e radicais, e “porque, no âmbito dessas possibilidades e capacidades, reivindicam uma realização forte que as defenda da frustração. São essas expectativas que apontam para os novos caminhos da emancipação social, ou melhor, das emancipações sociais” (SOUZA SANTOS 2002, p. 257, 258).

#### **4. Lefebvre e a presença do futuro no real**

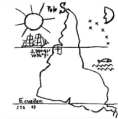
As perspectivas do Noch-Nicht em Bloch e do Possível em Souza Santos aparecem em Lefebvre menos em termos de um tempo futuro separado, mas de uma parte da realidade presente como sua implícita Potencialidade.

Stuart Elden (2004), no prefácio da última obra de Lefebvre “Rhythmanalysis – Space, time and everyday life”, entende que é na análise de ritmos que Lefebvre mostra a inter-relação do entendimento de espaço e tempo na compreensão da vida cotidiana. A sua abordagem de espaço e tempo mostra que não precisam ser pensados juntos e nem separadamente, ao mesmo tempo que a concepção não linear do tempo equilibra seu pensamento sobre a questão do espaço.

A perspectiva de Bloch e Souza Santos é radicalizada, ao nosso ver, quando Lefebvre afirma que possibilidades “ainda-não realizadas” (ou possíveis) não estão no futuro – e não são neste sentido fictícias - à medida que a “realidade” se situa além do empiricamente constatável:

O conhecimento não é necessariamente cópia ou reflexo, simulacro ou simulação, de um objeto *já* real. Em contrapartida, ele não constrói necessariamente seu objeto em nome de uma teoria prévia do





conhecimento, de uma teoria do objeto ou de "modelos". Para nós, aqui, o objeto se inclui na hipótese, ao mesmo tempo em que a hipótese refere-se ao objeto. Se esse "objeto" se situa além do constatável (empírico), nem por isso ele é fictício (Lefebvre 2002, p. 16).

Com esta visão Lefebvre, como os dois autores antes citados, rompe não apenas com uma visão do mundo onde o potencial de transformação não pertence ao futuro, mas ao passado; ou aquela de sociedades (arcaicas) onde o tempo é circular; onde presente (e futuro) é o eterno retorno do passado; ou mesmo de uma matriz tempo-espacial linear, homogêneo e contíguo. O tempo torna-se sequencial o que possibilita uma distinção entre um passado, um futuro e um presente como instante fugaz entre os dois que se seguem inevitavelmente. Em princípio, não há retorno possível tanto ao passado como do passado.

Em outro momento, Lefebvre (2002, p. 16) introduz o anúncio de "um *objeto virtual*, a sociedade urbana, ou seja, um *objeto possível*, do qual teremos que mostrar o nascimento e o desenvolvimento relacionando-os a um processo e a uma *práxis* (uma ação prática)" (destaques do autor). Admite que essa hipótese deve ser legitimada o que ele não vai deixar de reiterar e tenar durante sua argumentação no livro ao procurar mostrar as potencialidades de uma situação presente para a sua realização (no futuro).

Neste sentido há a "presença do futuro" no presente – é uma presença com a qualidade de ausência, enquanto virtual; ou, melhor dizer, enquanto potencial.

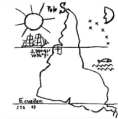
Este potencial hipotético, essas potencialidades (em algum momento Lefebvre fala de "estratégias") d/no presente são tanto constituintes da realidade como o é aquele presente já realizado (corporeamente) – algo como o presente presentificado - que está, aparentemente (mas apenas na aparência mesmo) acessível a sensações e percepções dos sentidos do nosso corpo (o que chama a relação complexa entre sensível, percebido e concebido em Lefebvre). Seria aproximadamente aquilo que a perspectiva positivista compreende como "realidade" em si e que serve como base da nossa segurança cotidiana de encontrar as coisas amanhã no mesmo lugar.

Aqui, nessa visão materialista histórica, não há como separar essas duas partes; e mesmo assim elas não são idênticas, mas diferentes: aquilo que percebemos de uma maneira aparentemente imediata, aquilo que se realiza no presente diante de nos, no instante seguinte já escapa dessa percepção, permanece apenas como passado – não voltará nunca mais dessa mesma maneira, é perdido para sempre, jamais vai poder ser recuperado plenamente. Na medida em que a história avança numa direção só, o tempo é irreversível.

### **À guisa de uma confrontação: o planejamento de volta do futuro**

Ao seguir as críticas de Bloch e Lefebvre, diferentes futuros incorporados em ações podem expressar meras diferenças formais – ao contemplar, por exemplo, diferentes horizontes, ciclos, extrapolações etc. como distinção entre modalidades - mas possuir qualidades diferentes cujo caráter tem sua origem em realidades ainda-não presentes.





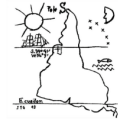
A formulação de ações voltadas ao futuro, enquanto proposta de utopia concreta, deveria expressar uma (ou mais) determinada característica desses futuros suportadas (mesmo hipoteticamente, Lefebvre) por determinadas potencialidades presentes na realidade no ato de sua realização. Em outras palavras, a característica de qualquer futuro está baseada em possibilidades e potencialidades do (seu) presente o que soa óbvio, mas não o é. Sem haver essas potencialidades, um planejador, comprometido com uma transformação do presente, poderia facilmente agir como um autor de ficção científica e sua atividade um exercício “futurístico”. Pode se dizer que há exemplos bastante frequentes que podem ser encontrados na trajetória do planejamento.

Pois, ao elaborar uma projeção do futuro, o planejador encontra-se inserido num presente de influências profissionais, regras, limitações e possibilidades que, por um lado, constitui e limita a qualidade de seu presente em termos de condições externas e internos para o exercício da sua profissão e, por outro, condiciona sua competência e capacidade de formular um futuro (desejado). Ao considerar o “real” não apenas pelos fatos, mas contemplar nele também hipóteses sobre suas potencialidades, como o faz Lefebvre (2002, p. 16), a formulação da ação se realiza pelo confronto entre a presencialidade (a qualidade do real que aqui inclui suas potencialidades hipotéticas) e a característica do futuro deste presente (a qualidade atribuída ao futuro desejado). O resultado deste confronto não é arbitrário, mas também não é determinado integralmente pelos dois lados por ser “mediado” por ações (mesmo a nível discursivo de formulação) que precisam ser articuladas.

Essa articulação do presente com um possível futuro encontra, então, sua particularidade na potencialidade mobilizada pelo planejamento. A nível empírico-concreto não há como antever o resultado específico de ações como confronto entre o caráter do presente da situação e suas potencialidades que expressam seus possíveis futuros. Mesmo assim, referente a determinados tipos e formatos de ações em situações determinadas, parece possível indicar algumas tendências a respeito da relação entre presença e futuro como foi mostrado em Randolph (2022) em relação a modalidades de planejamento.

Há, entretanto, a questão do *desperdício de experiências sociais* que Souza Santos denuncia como vinculado à extensão quase infinita do futuro em determinadas formas de ações voltadas ao futuro. A seu respeito seria possível lançar alguma luz a partir de estudos do futuro do tipo “future studies”, na questão o Noch-Nicht de Bloch e das potencialidades como parte do real de Lefebvre. Especialmente, a questão do futuro do cotidiano e de diferentes “ritmos do tempo” – aqui não aprofundados – podem dar indícios a “causas” deste desperdício em ações voltadas para o futuro onde este “futuro” é um único e dominante numa sociedade.

Por outro lado, o “combate” a esse desperdício, o reconhecimento e valorização de experiências sociais e o decorrente encurtamento do futuro e a ampliação do presente vislumbra Souza Santos na sua abordagem da sociologia das emergências que não pode ser aprofundado aqui. Ações voltadas para um futuro sem o desperdício de experiências sociais devem perseguir a reformulação das relações entre Estado e sociedade e o abandono das suas propostas abstratas para valorizar os espaços concretos de vivência. Um planejamento



que queira realmente subverter o planejamento precisa, então, criar o espaço tempo necessário para a valorização da experiência (e vivência) social.

Enfim, um planejamento que “volta do futuro”, como se perguntou no título, precisa incorporar as diversidades de futuridades (características e qualidades de futuros) envolvidas nas suas ações que não podem ser resolvidos por “future studies”. Para isto as acima mencionadas qualidades do futuro no presente *no cotidiano* e suas potencialidades imanentes de realização (presenteificação *no futuro*) poderiam contribuir através da mobilização dessas forças do cotidiano, do “underground”<sup>9</sup>, da incorporação de experiências sociais desperdiçadas, de falas, atitudes e ações subversivas, insurgentes e mesmo do esforço em expandir o presente e limitar o futuro - o que parece um certo contrassenso; ou, em outras palavras:

Diante das contradições das sociedades capitalistas contemporâneas, a *potencialidade* de uma utopia social e, ao mesmo tempo, de uma utopia do planejamento que se torne elemento dessa utopia só serão encontradas nas manifestações sociais na periferia do sistema, no espaço concreto, na re-figuração do tempo enquanto presente e futuro (RANDOLPH 2015).

Como dizem os autores da atual interlocução, é nesta realidade e no presente que se encontram as potencialidades procuradas como futuridades de uma sociedade transformada. Ou seja, uma potencialidade do futuro que se anuncia no presente (e pode ter suas raízes no passado), mas que, dialeticamente, supera a projeção do presente como mera reprodução para o futuro na medida em que nele, no seu caminho em direção ao futuro, se descobrem e realizam suas potencialidades.

## **Bibliografia**

ADAM, B. (2010) History of the future: paradoxes and challenges, **Rethinking History**, 2010, 14: p 361–78.

ADAM, B., GROVES, C. **Future matters. Action, knowledge, ethics**. Leiden, Boston: BRILL 2007, acesso em 24.07.2021

BLOCH, E. **The principle of hope**. Cambridge, Mass: MIT Press 1995

ELDEN, S. Prefácio em LEFEBVRE, H. **Rhythmanalysis. Space, time and everyday life**. London, New York: Continuum 2004

LEFEBVRE H. **O direito à cidade** São Paulo: Centauro, 2001

LEFEBVRE, H. **Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

LEFEBVRE, H. **Rhythmanalysis. Space, time and everyday life**. London, New York: Continuum 2004

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford (UK), Cambridge, Mass.: Blackwell, 1991.

---

<sup>9</sup> Lefebvre 1991

LIMONAD, E. Utopias urbanas, sonhos ou pesadelos? Cortando as cabeças da Hidra de Lerna. *In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro*. Barcelona: Geocrítica, Universidad de Barcelona, 2016, p. 1-20.

MANGUS, A.C., OOMEN, J., VERVOORT, J.M., HAJER, M.A. Futures literacy and the diversity of the future. *Futures* 132 (2021), <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0016328721001051?tok...C3775139A0&originRegion=us-east-1&originCreation=20210723141704>, acesso em 23.07.2021

MARRAMAO, G. **Poder e secularização: As categorias do tempo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995

MATOS, D. Central galeria apresenta a mostra “No presente, a vida (é) política”. *In: RG de 26.11.2020*; <https://siterg.uol.com.br/cultura/2020/11/26/central-galeria-apresenta-a-mostra-no-presente-a-vida-e-politica-2/>

OLIVEIRA, A. S. Tempo, modo e modalidade: uma análise das modalidades deôntica e volitiva e as noções de futuridade. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 65-86, dez./2019

RANDOLPH, R. A origem estrutural da subversão em sociedades capitalistas contemporâneas, suas práticas baseadas na vivência cotidiana e um novo paradigma de um contra planejamento. *In: Teorias e práticas urbanas. Condições para a sociedade urbana*, org. por G.M. COSTA. H.S.M COSTA, MONTE-MOR, R.L.M. Belo Horizonte: c/Arte 2015, p. 103 - 128

RANDOLPH, R. Futuros no planejamento e planejamento do futuro. *In: Territórios e planejamento*, org. F. FRIEDMAN. Rio de Janeiro: LetraCapital 2022, p. 527 - 557

SOUSA SANTOS, B., Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 63 | 2002, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1285> ; DOI : 10.4000/rccs.1285, visita em 13.06.2022

URRY, J. **What is the Future?** Cambridge/UK, Malden/MA: Polity Press 2016